

Nº 09 - Novembro de 2018



RUMMO

EXÉRCITO
DE
SALVAÇÃO



MADRID 7.649 KM

BRASIL

NEGRO



RUMO

Expediente: Nº 09 - Novembro de 2018
Editor: Ebeneser Nogueira - Major
Capa e Diagramação: Catharine Freire
Impressão: Cocktail
Tiragem: 7.500 exemplares

A Revista RUMO é uma publicação do
Exército de Salvação - Território do Brasil

Fundador: **William Booth**
Presidente Mundial: **Brian Peddle**
Presidente Nacional: **S. Edward Horwood**

Quartel Nacional: Rua Juá, 264
Bosque da Saúde - 04138-020
Caixa Postal 46.036 - Ag. Saúde
04045-970 - São Paulo/SP - Brasil
Tel. (11) 5591 7074 / Fax: (11) 5591 7079
E-mail da redação:
redacao@bra.salvationarmy.org
Site: www.exercitodesalvacao.org.br

Declaração Internacional de Missão:

"O Exército de Salvação, um movimento internacional, é um ramo da Igreja Cristã. Sua mensagem é baseada na Bíblia. Seu ministério é motivado pelo amor a Deus. Sua missão é pregar o Evangelho de Jesus Cristo e suprir as necessidades humanas em Seu nome sem discriminação."

Declaração Nacional de Missão:

"O Exército de Salvação existe para salvar almas, edificar os santos e servir a humanidade sofredora, motivado pelo amor a Deus, em nome de Jesus, sem discriminação."

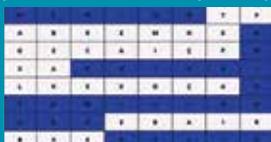
Declaração Nacional de Visão:

"Um povo santo engajado na missão, que trabalha em unidade e de forma apaixonada como agente de transformação na sociedade brasileira."



Por causa da grande preocupação em atender bem, com recursos limitados, o Exército de Salvação foi premiado com o Prêmio Bem Eficiente (conferido pela Fundação Kanitz), como uma das Instituições Sociais que melhor usa os recursos financeiros arrecadados para o atendimento social.

Resposta Passatempos (p. 11):



Um pouco de nossa História

O Exército de Salvação foi fundado por William e Catherine Booth, em Londres, no ano de 1865. Sensibilizados pela extrema carência do leste de Londres e movidos pelo amor de Deus, trabalharam com dedicação para levar as boas novas do evangelho e atender os milhares de necessitados castigados pela extrema pobreza.

Inicialmente chamado "Missão Cristã", optou, em 1878, por uma estrutura organizacional semelhante à militar, quando o nome Exército de Salvação, que retrata sua batalha em favor da justiça, foi adotado. Como um "exército" e, em decorrência do latente amor às almas, a expansão foi rápida e logo outros territórios foram "conquistados". Hoje o Exército de Salvação atua em 131 países, contando com mais de 17.000 oficiais (pastores) e mais de 1.000.000 de soldados (membros) que atuam mantendo e administrando escolas, hospitais, clínicas, albergues, lares para crianças e idosos, creches e centros comunitários.

O Exército de Salvação trabalha também com equipes que atuam em emergências como: enchentes, tufões, terremotos, atendimento a refugiados de guerras, epidemias, zonas de conflito e invernos rigorosos.

Atuação do Exército de Salvação no Brasil

Em 1922 os Tenentes-Coronéis David e Stella Miche, procedentes da Suíça, desembarcaram no Rio de Janeiro e iniciaram o trabalho que rapidamente expandiu-se para São Paulo, em 1924, e depois para Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Nordeste.

Em 1974, para melhor atender à legislação brasileira, foi criada a APROSES (Assistência e Promoção Social Exército de Salvação), que é uma organização não governamental de natureza assistencial, promocional e educacional, sem fins lucrativos, mantida pelo Exército de Salvação e que atende cerca de 1.700 pessoas em situação de vulnerabilidade social por dia. Porém, o Exército de Salvação também presta assistência através de seus 41 Corpos (igrejas) com visitas a hospitais, presídios e asilos.



EDITORIAL



Zumbi dos Palmares foi uma importante figura guerreira na história brasileira, sendo reconhecido como um dos pioneiros na resistência contra a escravidão. Morreu em 20 de novembro de 1695, e a data é lembrada hoje como o *Dia nacional da Consciência Negra*. A Lei Áurea foi assinada em 13 de maio de 1888, 193 anos depois da morte de Zumbi. A triste verdade é que os negros até hoje não são tratados como cidadãos plenos, são vítimas de racismo (nem sempre velado) e preconceito e

continuam sendo escravizados por meios mais sutis na nossa sociedade miscigenada, mas que se acha branca.

A presente edição traz dados sobre a raça negra e combate fortemente o racismo impregnado persistentemente em nossa cultura mesmo em pleno século 21. O Exército de Salvação, há mais de 150, anos procura servir a humanidade sofredora em nome de Jesus, sem discriminação, aguardando aquele Dia em que estará diante do Trono de Deus uma grande multidão, incontável, de todas as nações, tribos, povos e línguas (Apocalipse 7:9).

Boa leitura, em nome dAquele que criou todas as cores!



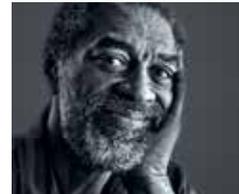
Ebeneser Nogueira - Major Editor

SUMÁRIO



04

ESPECIAL
Dia da
Consciência Negra



05

VÁ E FAÇA
ALGUMA COISA
Preconceito



08

DADOS
O negro no Brasil



10

RUMO KIDS
O sentido de ser
quem você é



12

CONEXÃO
Jamile de Jesus Almeida



13

CONTEXTO
Negro de alma branca



14

NOTÍCIA
Ministério de Cuidados
Comunitário



15

CARTAZ
Comissionamento dos
Mensageiros
da Compaixão



Dia da Consciência Negra

Saudações,

Dou as boas-vindas a mais uma edição da RUMO. Este mês queremos comemorar outro dia importante no Brasil: O Dia Nacional da Consciência Negra, no dia 20 de novembro. Estou muito impressionado com um país que quer celebrar a diversidade e a luta de uma população minoritária.

Não é frequente que as populações majoritárias reservem tempo para pensar sobre as contribuições de outras pessoas para sua cultura e economia. Como norte-americano, estou muito consciente dos valiosos benefícios que as culturas não-europeias deram para a América. E estou confiante de que o Brasil é culturalmente mais forte e economicamente mais viável por causa da influência dos negros no país.

Talvez o Dia Nacional da Consciência Negra não seja apenas uma oportunidade para lembrar as contribuições da diáspora africana que começou há centenas de anos, mas também a importância da migração que está ocorrendo hoje. A migração é muitas vezes responsável pela mudança social, já que, quando as pessoas se movem, sua cultura se move com elas, e a mudança social promove o desenvolvimento social. Embora os imigrantes sejam frequentemente criticados como consumidores de recursos e serviços públicos (empregos, educação, cuidados médicos), depois de um período de aculturação, eles também são frequentemente contribuintes.

Acho que um dos aspectos mais importantes da imigração é que quase metade dos imigrantes do mundo são cristãos. Isso oferece uma bênção e uma oportunidade para nós que colocamos nossa fé em Jesus. Primeiro, quase metade das pessoas que conhecemos e que não são da nossa cultura são nossos irmãos e irmãs. É uma bênção ajudar e fazer amizade com elas. Para a outra metade da população imigrante, temos a oportunidade de compartilhar nossa fé e permitir que vejam que nossa vida é melhor porque conhecemos pessoas novas e diferentes.

Sou grato por estar vivendo em um país que celebrará o Dia Nacional da Consciência Negra. Espero que você se junte a mim em lembrar de todas as populações minoritárias que fazem deste país um lugar tão especial para se viver.

Que Deus abençoe você neste mês.



Ted Horwood – Coronel
Líder Nacional do Território do Brasil
Quartel Nacional – São Paulo



Série de artigos escritos pelo Major Maruilson Souza com o objetivo de informar, sensibilizar e convidar o(a)s leitor(a)s à reflexão e engajar-se em resposta às questões propostas.

Preconceito: Uma questão a ser encarada

Introdução

Sou filho de pai negro e mãe branca. Em casa, nunca pensávamos sobre a cor de um ou de outro. Afinal, pai é pai e mãe é mãe, não importa se são amarelos, brancos ou pretos; altos ou baixos; gordos ou magros. Mas, cedo aprendi que, fora de casa, a coisa era diferente. Percebi – e as ocorrências nos mais diversos ambientes comprovam o que digo – que a discriminação sócio-cultural-étnico-religiosa é um fato. Negar isso não contribui para alterar a situação, ao contrário, somente a camufla, a dissimula. É verdade que, na cultura brasileira, o normal é negar e, por isso mesmo, nunca encontrei ninguém que dissesse: “Sou preconceituoso, sim! E daí?”. Aqui se faz piadas de negros, zomba-se de nordestinos, rebaixa-se as loiras, rotula-se o gaúcho, desfaz-se dos “caipiras”, minimiza-se o sofrimento dos judeus no holocausto, desumaniza-se homossexuais e, facilmente, cria-se estereótipos (“baianos são preguiçosos”, “paulistas são metidos” e “cariocas são folgados”). Mesmo assim, negamos ser preconceituosos.

Raízes do preconceito no mundo

O preconceito e a discriminação afligem não somente os brasileiros. Na verdade, eles são tão antigos quanto a humanidade. Isso não é desculpa para não haver esforços a fim de superá-los. Ao contrário, é um convite para que “busquemos juntos a justiça”; é uma convocação para que nos unamos conscientemente com a finalidade de eliminar todas e quaisquer práticas e discursos discriminatórios. Para tal, precisamos começar entendendo as principais raízes do preconceito.

1. Raízes filosóficas. Platão, na sua proposta de construção de uma sociedade ideal, entende a mulher como uma propriedade que podia ser com-

partilhada comunitariamente por todos os homens; seu discípulo, Aristóteles, considerava as mulheres seres inferiores, imaturas, emocionais, deficientes e monstruosas. Na opinião dele, havia pessoas que eram escravas “naturais” – seriam aquelas que não tendo inteligência suficiente para pensarem por si mesmas, eram detentoras de capacidade de, sob supervisão, cumprir ordens. O iluminista Montesquieu, no séc. XVIII, justificava a escravidão defendendo que os negros não tinham alma.

2. Raízes culturais. Na Grécia antiga quem não falava o grego era considerado “bárbaro”, cidadão de segunda categoria. No entanto, quem aprendia era aceito pela intelectualidade de então. Hoje, quem não fala inglês tem dificuldade em ascender na hierarquia das empresas e simplesmente não consegue entrar em um programa de doutorado de nível internacional.

3. Raízes teológicas. A partir do século 15, quando os europeus começaram a chegar à África e às Américas, encontraram seres de parecem diferentes do que até então eles conheciam. Seriam eles humanos? Seria pecado ter relações sexuais com eles? E escravizá-los? Numa investigação da literatura teológica do período perceber-se-á facilmente as distorções de textos bíblicos de provas – interpretados fora de contextos –, dentre eles, Gênesis 9.25, bem como os argumentos usados para justificar a escravidão.

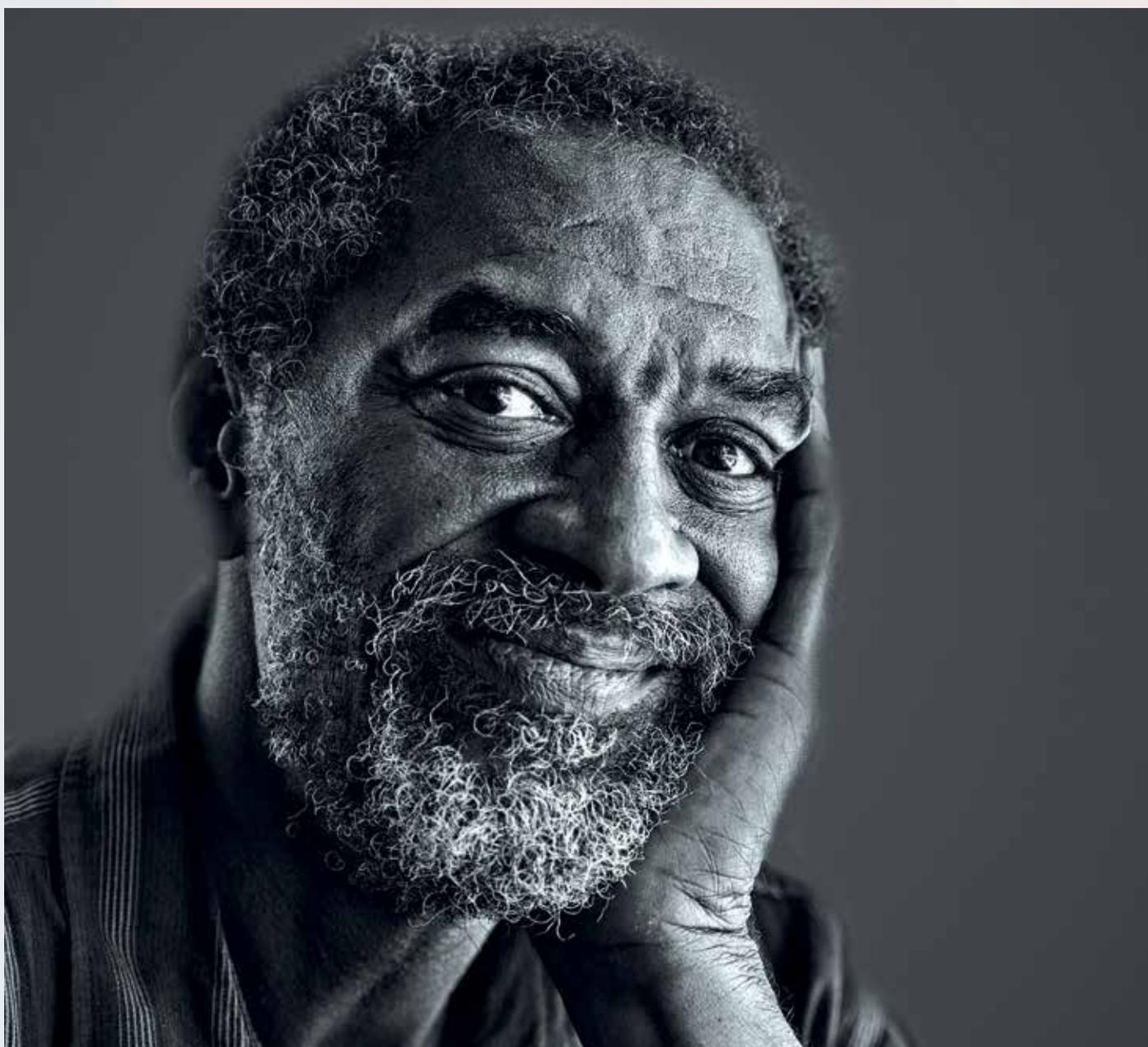
4. Raízes científicas. A partir do século 19, os argumentos científicos substituem os argumentos teológicos, mas o preconceito dos pesquisadores continua o mesmo. Com isso foram elaboradas teorias “científicas”, nas quais certos traços físicos eram associados à inteligência superior e onde a miscigenação – a mistura de raças – era ensinada como a causa da decadência e da deterioração dos povos

considerados superiores. Hoje, sabe-se que aqueles supostos ensinamentos científicos não passavam de produtos da própria sociedade e de distorções preconceituosas de certos cientistas.

5. Raízes ideológicas. Essas apontam para o fato de que ideólogos sádicos buscaram legitimar o pensamento de uma classe dominante, transformando-o em doutrina que ninguém podia contestar. Durante a Segunda Guerra Mundial – e nos anos que a antecederam – propagou-se a doutrina da criação de uma “raça pura”, “superior” a todas as outras. Com isso, foi fácil discriminar, confinar em guetos, confiscar bens, perseguir, escravizar e finalmente exterminar ciganos, homossexuais, idosos e deficientes. Estima-se que cerca de 6 milhões judeus foram dizimados.

Raízes do preconceito no Brasil

Segundo o IBGE, 53,6% da população brasileira é negra (dado de 2014). Logo, era de se supor a inexistência de preconceito na terra *brasilis*. De fato, pesquisas recentes revelaram que 97% dos brasileiros não se consideram preconceituosos. Por outro lado, 98% dos mesmos entrevistados afirmaram conhecer pessoas preconceituosas. De um jeitinho bem brasileiro nós negamos o que somos e apontamos para os culpados: os outros, os nossos amigos, companheiros, parentes e vizinhos. Eles, sim, são preconceituosos, não nós. É o preconceito à brasileira: difuso e que se manifesta de formas disfarçadas de modo a dificultar sua identificação e combate. As raízes do preconceito no Brasil são variadas. Entretanto, por motivos de espaço, aponto duas que considero basilares:



“O preconceito e a discriminação afligem não somente os brasileiros. Na verdade eles são tão antigos quanto a humanidade. Isso não é desculpa para não haver esforços a fim de superá-los. Ao contrário, é um convite para que ‘busquemos juntos a justiça’; é uma convocação para que nos unamos conscientemente com a finalidade de eliminar todas e quaisquer práticas e discursos discriminatórios.”

1. Raízes do período colonial. Com a dificuldade de escravizar os habitantes originários do Brasil – “os índios” – os portugueses passaram a “importar” negros de Angola e da Nigéria. Para eles, os índios eram preguiçosos e os negros não tinham alma nem possuíam sentimentos, formavam uma “raça inferior” e, portanto, a existência deles era justificada pelo e para o trabalho. Pesquisas apontam que de países como Angola, Congo, Gana e Moçambique foram traficados para o Brasil ao redor de 5 milhões de pessoas. Aqui foram vendidos, tratados como animais, (mulheres) estupradas, torturados, mortos e, finalmente, “libertos” sem amparo, assistência e proteção.

2. Raízes literárias. Na literatura brasileira clássica não é incomum encontrar a predominância da figura da mulher como objeto sexual (cf. “O Cortiço”, de Aluisio Azevedo; “Gabriela Cravo e Canela”, de Jorge Amado; “O Tronco de Ipê”, de Jose de Alencar; “A Moreninha”, de Joaquim Manuel Macedo; “A escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães). Em “A Moreninha”, o autor também retrata o negro Tobias como um ser humano que não é humano, mas um animal submisso, adestrado, treinado para realizar certas tarefas. Tudo isso sem falar no gênio controverso de Monteiro Lobato que via o caboclo como “o sombrio urupê de pau podre”, um “Jeca Tatu”, um parasita (Cf. Urupês) e a miscigenação como algo que “estragou as duas raças... O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu inevitável piora de caráter...” (Cf. O presidente negro).

A discriminação, o preconceito, o abandono, a falta de oportunidades, a dificuldade de acesso à educação de qualidade gerou um apartheid social que se manifesta na desigualdade econômica e na segregação dos pobres e negros nos guetos das periferias das grandes cidades. Entretanto, para mudar a situação, o pessimismo deve ser substituído por ações intencionais.

Conclusão

Assim sendo, termino o presente artigo reafirmando que o futuro pode ser diferente; que acredito que a educação - inclusive a educação religiosa - pode ser um instrumento de promoção do respeito ao outro; e que escolas, igrejas, bem como outros espaços comunitários e religiosos podem ser ambientes de divulgação do conhecimento, de busca conjunta da Verdade, de convivência pacífica entre todos os seres humanos e de combate à intolerância e ao preconceito. Como disse Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta”.

Para discutir em grupo

1. O que é e como se manifesta o preconceito?
2. De onde surgem os preconceitos?
3. O que está por trás dos estereótipos?
4. Qual é o papel da família, da escola e das igrejas como espaço de combate ao preconceito?



Maruilson Souza serve atualmente como Diretor do Colégio de Cadetes, Secretário Nacional de Educação e membro do Conselho Internacional de Teologia. Ele é Doutor em Filosofia (Ph.D) e Pós-doutor em Psicologia.



Johann Moritz Rugendas (1802-1858)
Punições Públicas: Praça Santa Ana

O NEGRO NO BRASIL

● Segundo a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) indígenas, negros e mulheres são mais afetados por pobreza e desemprego no Brasil.¹

● Os dados do INFOPEN (Sistema Integrado de Informações Penitenciárias) trazem uma estatística que embasa a constatação de que o Judiciário brasileiro exerce uma seletividade penal prejudicial à população negra. Enquanto no total da população brasileira com mais de 15 anos, 53% das pessoas se declaram negras, 64% dos presos no sistema penitenciário nacional são negros.²

● Um novo estudo divulgado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados da Secretaria do Estado de São Paulo (SEADE) apontou que, entre 2014 e 2016, o número de desempregados negros foi maior do que o número de desempregados não negros, na região Metropolitana de São Paulo. O Estado de São Paulo contava, em 2005, com a maior população negra do país, com aproximadamente 12,5 milhões de pessoas de raça/cor preta ou parda, correspondendo a 31% dos habitantes do Estado, segundo dados divulgados pela PNAD.³

● A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens.⁴

● Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a taxa de homicídios de negros no País é mais do que o dobro da de brancos. No Brasil, 71,5% das vítimas de assassinato por ano são pretos ou pardos. “É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos”, diz trecho do Atlas da Violência. O Brasil mata 71% mais mulheres negras do que brancas. Nos últimos dez anos, o número de assassinatos caiu 8% entre as mulheres brancas, e aumentou 15,4% entre as negras.⁵

¹<http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/noticias/2016/novembro/indigenas-negros-e-mulheres-sao-mais-afetados-por-pobreza-e-desemprego-no-brasil-diz-cepal>

²<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-brasil-64-dos-presos-sao-negros>

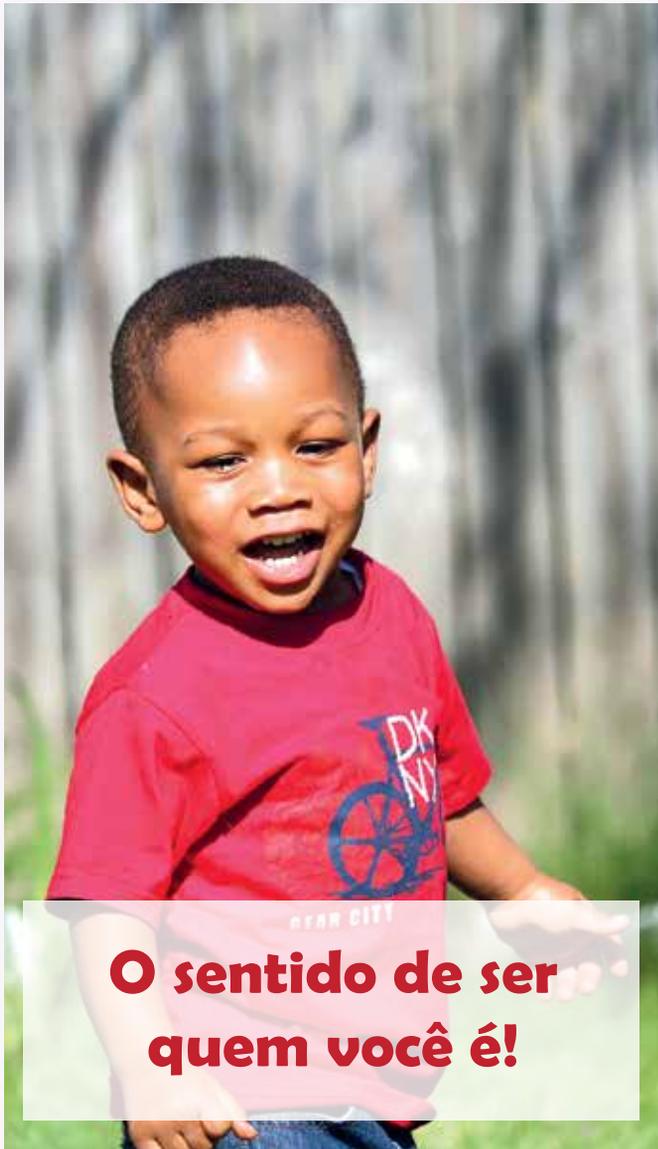
³<https://exame.abril.com.br/economia/desemprego-atinge-mais-negros-em-sao-paulo/>
<http://produtos.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>

⁴<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>

⁵https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/06/05/interna_nacional,964542/ipea-taxa-de-homicidios-de-negros-no-pais-e-mais-do-que-o-dobro-da-de.shtml

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/06/no-brasil-71-5-das-vitimas-de-assassinato-por-ano-sao-pretos-ou-pardos>

<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/brasil-mata-71-mais-mulheres-negras-do-que-brancas>



O sentido de ser quem você é!

Sabe aquela vontade que dá de ser outra pessoa? Querer ter nascido com a cor de cabelo diferente do que a gente tem? De ser mais alto ou mais baixo... de ter olhos com a cor que aquela outra pessoa tem?

Pois bem! Isso aconteceu com Alexandre. Um menino negro que, nascido em um país de maioria branca, queria ser branco como os outros. Alexandre sentia-se um típico patinho feio. Não aceitava a sua própria cor e identidade. Vivia sozinho no recreio e não tinha e não queria ter amigos, não porque os outros meninos não queriam, mas porque ele não queria. Suas atitudes, muitas vezes, representavam o seu próprio desgosto: tornou-se arredo e fazia coisas negativas para chamar a atenção dos outros; porém, só o que conseguia era afastar ainda mais os outros de si.

Mas, como tudo na vida, há sempre uma chance de coisas inesperadas acontecerem, como, por exem-

plo, um menino, também negro, assim como Alexandre, recém-chegado ao país de maioria branca, vir estudar no mesmo colégio dele.

Pense num menino feliz! Alegre! Divertido! Conversador! Cheio de coisas para contar do país de onde tinha vindo; sendo que, muitas das coisas contadas, não eram para que ele estivesse feliz daquele jeito. Seu país havia sofrido com terremotos e muitas pessoas estavam sem ter onde morar. Muitos passavam fome, e ele, juntamente com sua família, conseguiu vir para o país de Alexandre e, por bênção, agora se sentia seguro.

- Bênção?

- Claro, Alexandre. Bênção sim!

Quando Alexandre viu, o menino de pele tão negra quanto a dele estava do seu lado!

- Meu nome é Martin!

Martin estendeu a mão para Alexandre que não sabia o que fazer!

"Como um menino que havia saído de seu país poderia estar tão feliz?", pensou.

- Você não se sente deslocado em um lugar onde as pessoas são de outra cor? Onde todos parecem ignorar a sua presença?

- Onde você está vendo isso Alexandre? Eu cheguei aqui e fui muito bem recebido! Mas sabe o que mais me fez ficar alegre?

- Não!

-É que eu vi você! E logo disse a mim mesmo que não iria me sentir diferente, porque havia encontrado alguém da mesma raça que eu.

-Você está brincando, né?!

- Claro que não! E quer saber mais? Minha família e eu acreditamos em um Deus que, mesmo em meio às dificuldades, nos sustenta e nos dá bênçãos sem medidas.

- Não entendi!

- Deus sabia que eu ia me sentir um "peixe fora d'água" se não encontrasse alguém com as mesmas características do que eu, e Ele me deu você!

- Eu?!

- Sim, você!

Alexandre parou um pouco e, de repente, como se o céu se abrisse, disse:

- Agora tudo faz sentido!

Queridos(as) leitores(as), Deus tem um propósito para a sua vida! Na hora certa, tudo fará sentido.

Beijos,

Tia Lílian

Passatempo



Caça-palavras

Encontre as palavras **menino**, **peixe**, **família**, **céu**, **feliz** e **amigo** no caça-palavras:

M	E	N	I	N	O	T	F
A	B	R	E	M	N	E	A
G	E	C	A	I	Ç	P	M
X	A	P	E	I	X	E	I
L	K	E	X	O	Ç	A	G
F	A	M	I	L	I	A	O
C	E	U	E	B	A	I	R
B	X	E	F	E	L	I	Z

Jogo dos 5 erros





Jamile de Jesus Almeida

Iniciei o trabalho com a temática Relação Étnico Racial na Sala de Aula, em 2011, quando comecei a ler a lei 10.639//03, que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, e propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos.

Diante da pesquisa, eu me defrontei com a responsabilidade e o desafio de como trabalhar de forma didática e lúdica e fortalecer essa narrativa para crianças tão pequenas; como fazer com que crianças negras e afrodescendentes pudessem se ver representadas através de brinquedos como bonecas negras, heróis, ou através da literatura, desenhos e brincadeiras.

Criei um projeto em sala de aula, chamado “África Brasil Africano”. Nesse ano havia chegado um novo aluno com apenas 4 anos de idade, chamado Mustafa, vindo de Ghana. Sua língua oficial era o inglês. Eu precisava integrá-lo! Eu precisava falar da África. Comecei o projeto com um livro chamado “O Cabelo de Lelê” da autora Valéria Belém. O livro conta a história de uma menina negra com dificuldade de aceitar seus cabelos crespos e cacheados. Através deste livro embarcamos numa viagem com navios

negreiros, o cotidiano dos negros no período da escravidão, conhecemos a capoeira, a deliciosa feijoada, as brincadeiras africanas, aprendemos que palavras como “moleque”, “fubá” “samba” são de origem africana e viajamos até o continente africano para conhecer suas maravilhas.

Com essa experiência com as crianças, o vínculo de amizade fortaleceu-se entre elas, o conhecimento da cultura africana e da cultura brasileira ampliou o repertório de aprendizagens das crianças e seu desenvolvimento.

Não sou filiada ao movimento negro, entretanto, venho militando nessa área na Educação, pelo fato de ser negra e evangélica. É algo muito importante, pois infelizmente ainda existe muito preconceito para tratar sobre esses assuntos em sala de aula. Usar cabelo cacheado foi uma forma de empoderamento, identidade e resistência para mim.

Quando entro em sala de aula, as crianças sempre vêm elogiar meus cabelos. Com passar do tempo minhas alunas já estão usando cabelos cacheados, não os usando mais presos; eu acabo sendo um espelho para elas. Procuro fortalecer a identidades dessas crianças, procuro levar não só Branca de Neve para uma comunidade negra, procuro mostrar outras histórias de princesas negras e heróis, personagens onde as crianças têm oportunidade de se ver representadas dentro das suas características.

Com esse trabalho, tive oportunidade de participar do Congresso Municipal das Relações Étnico Raciais, e oportunidade de apresentar meu trabalho na Unifesp – Universidade Federal de São Paulo. Desde, então, venho aprofundando em leitura e na formação continuada sobre Cultura Africana e Racismo. Agradeço a Deus por fazer a diferença na área da educação com essa temática, e fortalecer a identidade das crianças e combater qualquer tipo de preconceito e racismo.

Jamile de Jesus Almeida é negra, nascida e criada na zona leste de São Paulo. Jamile é professora de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, há 16 anos trabalhando em um Centro de Desenvolvimento Infantil, no distrito do Lajeado em Guaianases. É membro ativa do Exército de Salvação no Corpo de Guaianases.



Negro de alma branca

Foi a frase que eu ouvi de um conhecido quando, durante uma conversa, lembrou de um amigo negro que não o via há certo tempo e o “elogiou” dizendo que tal amigo é um “negro de alma branca.”

Para minha surpresa, percebi que essa frase tem muito a nos ensinar sobre Bíblia e racismo. É interessante observar que, embora não exista um versículo bíblico que diga que racismo ofende Deus, a Sua mensagem é clara quando se afirma que, independente de raça (e outros fatores), todos são iguais perante Deus. Porém, temos dificuldade em entender isso. Por quê?

Primeiramente, seria interessante olhar o problema desde uma perspectiva histórica da igreja. No início do século XIX, o Brasil recebeu missionários europeus, portanto, brancos. Quando um negro (ou qualquer outra etnia) se convertia, sua tendência era dar as costas para toda sua cultura. Tudo o que essa pessoa tinha incorporado culturalmente virava lixo cultural e religioso especialmente. Assim se desenvolve a expressão “negro de alma branca”. Mas onde está o problema nisso?

A questão básica tem a ver com a identidade do negro no contexto cristão, especialmente o evangélico, no Brasil e o seu lugar dentro da igreja. Essa situação é complexa, pois historicamente o negro tem sido aceito na igreja evangélica, apesar dos primeiros missionários terem sido brancos. Porém, essa aceitação no seio da comunidade evangélica somente acontece quando ele abandona o que faz dele negro, ou seja, ele precisa virar um “negro de alma branca”. É nesse momento que entra a discriminação racial dentro e fora da igreja. Em alguns contextos, é escandaloso um negro sambar após ter aceito a fé cristã. Há relatos de discriminação somente pelo fato de uma moça aparecer na igreja com os cabelos cacheados. Em casos

mais extremos, temos a triste experiência de assistir nos telejornais e ler em algumas revistas episódios de violência em decorrência da intolerância religiosa.

Finalmente há um argumento teológico o qual afirma que afrodescendentes são alvo de maldição por serem descendentes de Caim, que foi amaldiçoado por seu pai Noé e que mais tarde se torna o pai dos africanos (Cuxe). Se olhássemos para a Bíblia com mais atenção jamais concluiríamos um favoritismo de Deus com um determinado povo. O fato de Deus ter escolhido os judeus para que a salvação viesse deles não significa que Deus ame mais a eles do que a nós. Paulo escreveu o seguinte: “Onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre, mas Cristo é tudo em todos (Colossenses 3.11).

O racismo vivido na sociedade brasileira é um fenômeno complexo que torna difícil discutí-lo num único artigo, mas desafio você leitor a refletir sobre o assunto. Não podemos fechar os olhos para o fato do racismo, especialmente quando ele se manifesta com violência e dentro da própria igreja, que deveria pregar o que o apóstolo Paulo ensina e não a suposta superioridade de um grupo sobre o outro. Se o próprio Filho do Homem não reivindicou ser melhor do que nós, mas Se fez servo, quanto mais nós devemos desenvolver a consciência de que ninguém é melhor do que ninguém e que a única conversão válida é em direção a Deus, não a costumes ou até mesmo a um sistema religioso.

Que Deus abençoe você!

Jeferson Viegas D'Ávila - Capitão
OD Corpo (Igreja) de Uruguiana



Ministério de Cuidados Comunitários

“Juntos, servindo ao próximo” este tem sido o lema do **Corpo de Paranaguá**. Com a graça divina no dia 13 de julho, iniciamos um trabalho comunitário. Às sextas-feiras saímos à noite à procura daqueles que necessitam tanto de um alimento físico quanto espiritual, visitamos a UPA (Unidade de Pronto Atendimento), servimos café e sanduiches, tanto para as pessoas que estão ali esperando atendimento quanto aos profissionais que ali trabalham; atendemos taxistas que trabalham durante a noite, oferecendo o lanche, mas também uma boa conversa. Visitamos também uma “Pensão” onde pessoas em situação de rua costumam passar a noite, muitas vezes drogados e com fome, mas relatam que seu

maior desejo é serem notados pela sociedade que: “muitas vezes, o veem, mas não os enxergam”..., afirma um jovem.

Cada dia Deus nos tem despertado para sairmos das quatro paredes, e irmos demonstrar o Seu amor aos que mais necessitam. Como diz Antônio Carlos Costa, em seu livro “Convulsão Protestante”, “Em pleno século XXI é necessário que a teologia saia do templo e abrace a rua.”

Niétiá Medeiros - Tenente
OD Corpo e Comunidade de Paranaguá



Comissionamento dos Mensageiros da Compaixão

Local:

Corpo do Bosque

Rua Juá, 264 - Bosque da Saúde

São Paulo - SP

Horário:

Ordenação e Comissionamento às 15h00

Celebração e Nomeações às 18h00



Seja um assinante da Revista **RUMO**

Receba as 10 edições anuais diretamente em sua casa!

1. Faça o depósito na conta: Banco Itaú - Ag.1000 - Conta 23164-5
2. Envie o comprovante por e-mail: intendencia@bra.salvationarmy.org ou via correio: Caixa Postal 46.036 - Ag. Saúde - São Paulo/SP - 04045-970
3. Indique no e-mail ou dentro do envelope que é referente a uma assinatura da Revista RUMO e coloque o nome completo do assinante e o endereço para envio das revistas.

Valor da assinatura anual:

Brasil: R\$ 40,00 e Exterior: US\$ 35,00



RETIRAMOS DOAÇÕES

Doe roupas, móveis e outros objetos.



4003 - 2299

www.exercitodoacoes.org.br

Também estamos coletando doativos nas seguintes cidades:

Joinville: (47) 3453-0588

Pelotas: (53) 3273-6909